

RIBEIRINHOS E RECURSOS VEGETAIS: A ETNOBOTÂNICA EM BONSUCESSO, VÁRZEA GRANDE, MATO GROSSO

**Margô De David¹
Maria Corette Pasa²**

RESUMO: O estudo foi realizado na comunidade Bonsucesso, em Várzea Grande, Mato Grosso, com o objetivo de identificar as espécies vegetais presentes nos quintais e utilizadas pelos ribeirinhos, bem como o manejo e a conservação desses recursos. Aplicou-se pré-teste, observação direta, entrevistas semiestruturadas, história de vida e turnê guiada. Foram entrevistados 45 moradores com idade entre 29 e 89 anos. Os entrevistados citaram 148 espécies, distribuídas em 68 famílias botânicas. As plantas citadas foram distribuídas em quatro etnocategorias: alimentar, medicinal, ornamental e outros usos. A população demonstrou conhecer e fazer uso das plantas locais e revelou um largo consumo na categoria medicinal. Os quintais representam uma unidade de paisagem importante devido às diferentes atividades nele realizadas: produção de rapadura nos engenhos, preparo da “puva”, tear das redes e a conservação da biodiversidade, sendo o principal local de encontro, expansão e transferência dessa prática. Sua manutenção em geral é realizada com métodos manuais e de baixo impacto ambiental sendo predominantemente familiar.

Palavras-chave: Plantas. Manejo. Comunidade.

ABSTRACT: (Riparian features and vegetables: a ethnobotany in Bonsucesso, Várzea Grande, Mato Grosso): The study was conducted in Bonsucesso community in Varzea Grande, Mato Grosso, in order to identify the plant species present in gardens and used by locals, as well as the management and conservation of these resources. pretest was applied, direct observation, semi-structured interviews, life story and guided tour. They interviewed 45 residents aged between 29 and 89 years. Respondents cited 148 species belonging to 68 families. Said plants were distributed in four etnocategorias: food, medicinal, ornamental and other uses. The population showed knowledge and make use of local plants and revealed a wide consumption in the medical category. Backyards are an important landscape unit due to the different activities it carried out: production of brown sugar in the mills, preparation of "puva", tear networks and biodiversity conservation, the main venue, expansion and transfer of this practice. Its maintenance is usually performed with manual methods and low environmental impact is predominantly family.

Key words: Plants. Management. Community.

¹Mestre em Ciências Florestais e Ambientais - Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, MT. margodedavid@hotmail.com

²Doutora do PPG em Ciências Florestais e Ambientais –Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, MT. pasamc@brturbo.com.br

INTRODUÇÃO

Etnobotânica é a ciência que estuda as plantas e a interação destas com as comunidades humanas, assim como investiga novos recursos vegetais (CABALLERO, 1979). Deste modo, faz a mediação dos discursos culturais, buscando a compreensão do outro, do seu modo de vida, dos seus códigos e costumes que racionalizam suas relações com a natureza (ALBUQUERQUE, 2000).

Estudos etnobotânicos indicam que a estrutura de comunidades vegetais e paisagens são manejadas pelas pessoas no seu cotidiano. Nesse contexto, a investigação etnobotânica pode desempenhar funções de grande importância, como reunir informações acerca de todos os possíveis usos das plantas, nas suas diferentes etnocategorias e, assim contribuindo para o desenvolvimento de novas formas de usos dos recursos vegetais pelo ser humano (PASA, 2011a).

Segundo Guarim Neto; Pasa (2009), lançar um olhar etnobotânico sobre uma dada região é antes de tudo entender e respeitar o conhecimento humano que se manifesta, repassado através de gerações e que se perpetua até os dias atuais.

Deste modo, comunidades rurais ou urbanas manifestam suas percepções sobre os espaços dos quintais em suas relações com o ambiente e com a cultura, onde os recursos vegetais, podem ser destacados em diversas etnocategorias de uso. Para Guarim Neto *et al.* (2010) os quintais adquirem aspectos variados, na zona urbana geralmente está em volta da residência, delimitados por muros, grades ou cercas e na zona rural, pode também circundar a moradia, bem como se prolongar, adentrando em outras áreas da vegetação natural, entre elas o cerrado, o pantanal ou a floresta.

O objetivo deste trabalho foi identificar as espécies vegetais presentes nos quintais e utilizadas pelos comunitários ribeirinhos de Bonsucesso, Várzea Grande, Mato Grosso, bem como o manejo e a conservação desses recursos, uma vez que boa parte dos seus moradores são detentores de saber tradicional a respeito do uso da flora local.

MATERIAL E MÉTODOS

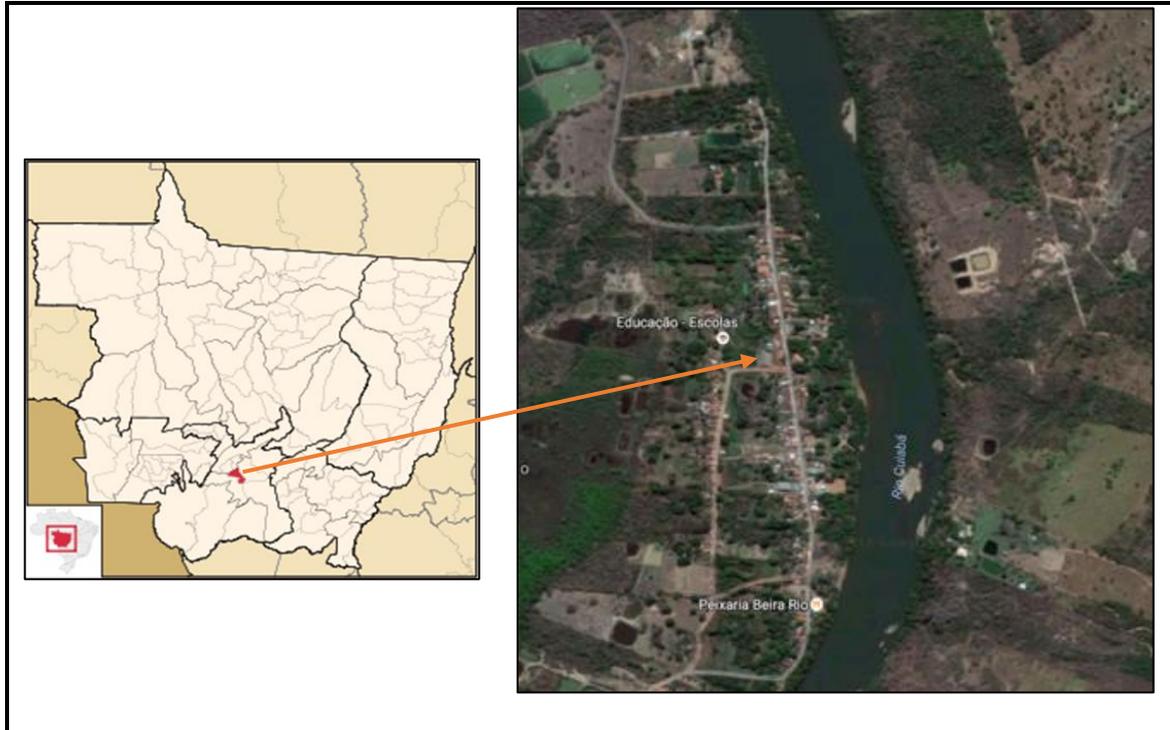
Área de estudo

O estudo foi desenvolvido na comunidade ribeirinha Bonsucesso (Figura 1), localizada na baixada cuiabana. A área está delimitada pelas coordenadas geográficas de

15°42'54,23"S e 56°06'21,64"O e estabelecida à margem direita do rio Cuiabá, distante cerca de 15 quilômetros do centro da cidade de Várzea Grande, estado de Mato Grosso.

Figura 1 – Área de estudo, comunidade Bonsucesso, Várzea Grande, MT. 2014.

Fonte: Google mapas.



Embora o estado de Mato Grosso detém três biomas: Cerrado, Pantanal e Amazônia. O cerrado é a vegetação predominante na região com matas mais densas em beiras de rios.

A hidrografia que drena a comunidade Bonsucesso é caracterizada pelo rio Cuiabá, que por sua vez, separa a capital do estado, a cidade de Cuiabá de Várzea Grande.

O clima da região é tropical semiúmido (Aw na classificação de Köppen), com precipitação pluviométrica anual de 1.350 mm (INMET, 1996) e apresenta duas estações bem definidas: a seca, que vai de abril a outubro, e a chuvosa, que vai de novembro a março. A temperatura média anual é de 26°C e a umidade relativa do ar possui média anual em torno de 74% (FUNASA, 2007).

Metodologia

O levantamento dos dados etnobotânicos foi realizado com os ribeirinhos da comunidade Bonsucesso no ano de 2014. Inicialmente se procedeu a aplicação de um pré-teste, proposto ao conhecimento da população pelos pesquisadores e a avaliação das estratégias metodológicas adotadas. Aos indivíduos da comunidade foi solicitado previamente consentimento livre e esclarecido através de documento oficializando sua participação de forma espontânea e consciente na pesquisa (TCLE).

Foram aplicadas entrevistas do tipo semiestruturada (MINAYO, 1994), abrangendo informações socioeconômicas, além de informações sobre o imóvel, o quintal, e em relação ao hábitos e à diversidade das plantas. Outra técnica utilizada foi a história de vida (MEIHY, 1996), onde os informantes narram as experiências vividas. Para o registro das informações foi utilizado diário de campo e câmera digital, esta última para a aquisição de dados pertinentes ao ambiente (plantas, animais, residências, entrevistas).

Os dados foram analisados de forma qualitativa e quantitativa. As informações bibliográficas, as entrevistas e as observações diretas foram analisadas qualitativamente através de estatística descritiva.

As plantas utilizadas foram distribuídas em quatro etnocategorias de usos: Medicinal, Alimentar, Ornamental e Outros (lenha, madeira, sombra e proteção).

Na abordagem quantitativa dos dados foi calculado o Índice de Fidelidade para as indicações de uso de cada espécie (AMOROZO; GELY, 1988; VENDRUSCOLO; MENTZ, 2010; PASA, 2011b):

- a) A porcentagem de concordância quanto aos usos principais: $NF = (Fid/Fsp) \times 100$. O cálculo incide na razão entre o número de informantes que indicaram o uso de uma espécie para uma finalidade maior (Fid) pelo número total de informantes que citaram a planta para algum uso (Fsp), multiplicado por 100.
- b) A utilização do Fator de Correção (FC) é necessária pela diferença no número de informantes que citaram usos para cada espécie, onde $FC = Fsp/ICEMC$. Sendo Fsp o número total de informantes que citaram usos para a espécie e ICEMC o número de citações da espécie mais frequente.
- c) Extração de valores de importância relativos à espécie mais citada pelos entrevistados: $Pcusp = NF \times FC$, onde Pcusp é o índice de concordância de uso corrigido, NF é o índice de concordância de uso, FC é o fator de correção para cada espécie.

As plantas coletadas para identificação encontram-se depositadas no Herbário da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

“Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição” (BRASIL, 2007).

a) Dados socioeconômicos

O espaço amostral é representado por 45 pessoas, 25 mulheres e 20 homens, as quais foram entrevistadas nos quintais ou varandas das residências e algumas no ambiente de trabalho, como no engenho.

A idade variou de 29 a 89 anos, sendo todos (100%) procedentes do próprio estado de Mato Grosso. Desta forma, é possível identificar entre os entrevistados a ausência da aculturação de outros estados do país. O tempo de moradia variou de menos de dez anos, para aqueles que casaram com algum ribeirinho e vieram morar na comunidade a mais de oitenta anos, pois vários moradores vivem ali desde que nasceram. Para estes dados é possível atribuir-lhes a característica de tradicional, segundo ‘Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais’, em seu decreto N° 6.040, de 7 de fevereiro de 2007.

Quanto ao nível de escolaridade 55% possuem o ensino fundamental (de completo à incompleto) e 40% o ensino médio, no entanto nem todos concluíram. Houve registro de uma informante que concluiu o ensino superior, uma professora aposentada, e 4% dos depoentes sem escolaridade.

Na comunidade foram encontradas diversas profissões e/ou atividades desenvolvidas (Figura 2), entretanto, alguns informantes desempenham multiplicidade de funções, como por exemplo, ser dona de casa e trabalhar de diarista ou ser agricultor e aposentado entre outros. As mulheres, na sua maioria, desenvolvem atividades domésticas e os homens com ocupações próprias da comunidade local, dentre elas agricultor, pescador, doceiro (rapadura) e músico. Todos os membros da família, até mesmo os aposentados e as do lar, colaboram no sustento familiar com atividades na

roça, na criação de animais, no feitiço e venda da rapadura, no tear, na pesca de subsistência ou por meio de ‘bicos’ nas peixarias, pois representam uma multiplicidade de funções (VALENTINI *et al.*, 2011).

Figura 2 – Atividade e/ou profissão dos informantes de Bonsucesso, Várzea Grande, MT. 2014.



Nas comunidades ribeirinhas, além da gastronomia típica mato-grossense, diversos saberes distinguem os fazeres tradicionais, entre eles, o artesanato, principalmente de rede e de cerâmica, além do uso de plantas para fabricação de gamelas e outros objetos (FERREIRA, 2010). Assim, em Bonsucesso a economia local encontra-se representada por engenhos de cana-de-açúcar, pelo artesanato de redes, pela pesca e pela culinária (Figura 3.a, 3.b, 3.c), principalmente através das peixarias, as quais são muito frequentadas por pessoas de outras regiões já que fazem parte do turismo gastronômico da Baixada Cuiabana.

Figuras 3.a, 3.b, 3.c – Representação da economia local. Bonsucesso, Várzea Grande, MT. 2014. Fonte: Acervo dos autores.



Esses quefazeres dos ribeirinhos está expresso no cotidiano, conforme relatos a seguir:

... Aprendi a fazê rapadura com meus pais, que já faleceram... desde que aprendi a falá, já via e ajudava eles a fazê... hoje eu sigo essa tradição... mas ninguém qué mais... depois que entrô a internet não querem sabê disso... a tendência é pará... (Sr. F., 49 anos)

... Eu faço a 'puva' prá passá no peixe antes de fritá. Tem que socá aqui no pilão até ficá bem fina, essa farinha é muito melhor que as outras, ela deixa o peixe mais saboroso, não puxa o óleo. Aqui a gente não precisa comprá farinha no mercado. Aprendi a fazê isso com minha mãe... (Sra. A. M. M., 63 anos)

As manifestações religiosas são extremamente fortes, com 90% dos informantes praticantes da religião católica. A igreja local é a do Senhor Divino Espírito Santo e o padroeiro da comunidade é São Pedro. Esse domínio religioso se integra atualmente a diversos elementos como: a música e a dança regional, o turismo, o lazer e a identidade local.

b) Quintais

Os quintais de Bonsucesso representam uma unidade de paisagem de extrema importância devido às diferentes atividades nele realizadas: plantio de várias espécies e produção de alimentos, criação de pequenos animais utilizados para o próprio sustento e para um pequeno comércio, preparação de medicamentos, espaço de trabalho e de lazer, entre outros.

Para diversos moradores da comunidade é no quintal que se encontra a caixa d'água, a lavanderia, a cozinha, o jirau, o forno e o pilão. Também é no quintal que se realizam rodas de conversas, rezas, festas e danças. Podemos afirmar que existe uma relação de afetividade entre os informantes e o ambiente que os cercam, pois muitos se

referem como um espaço que transmite aconchego, felicidade, amor, liberdade, saúde e bem estar.

Pasa (2004) afirma que o cultivo nos quintais além de proporcionar uma alimentação saudável, gera baixa dependência de produtos externos, reduz os impactos sobre o ambiente, mantém os recursos vegetais e a riqueza cultural, motivada no saber e nos costumes dos moradores locais.

O manejo do quintal é predominantemente familiar, tanto o homem quanto a mulher e os filhos realizam este trabalho. Alguns cuidam do quintal diariamente, outros porém, dispensam atenção de forma semanal ou mensal, de acordo com a necessidade e a época do ano. São ambientes com baixa taxa de defensivos, sua manutenção em geral é efetivada com métodos manuais e de baixo impacto ambiental. Muitos informantes usam insumos naturais nas plantas, entre eles o esterco de boi, bagaço de cana, cinza, restos vegetais e terra preta. O uso de produto químico é para acabar com as formigas, os cupins, os carrapatos, o mato ou como adubo para as plantas. Porém, 75% dos informantes alegaram que não utilizam.

Na comunidade, vários quintais fazem limite com a roça e/ou adentram a mata de galeria. Porém, a coleta do produto da mata não se estabelece como atividade principal e sim como complementar, especialmente através do uso de remédios caseiros. Essa característica também foi constatada por Pasa *et al*, (2005) e Pasa; Ávila (2010).

c) Dados etnobotânicos

O universo de conhecimento a respeito do uso e o manejo das plantas permitiu identificar cerca de 148 espécies distribuídas em 62 famílias botânicas (Tabela 1), bem como seus nomes populares e a forma pela qual cada espécie compõe uma fonte de recurso vegetal na região. As famílias botânicas com maior representatividade são Lamiaceae, Asteraceae e Fabaceae.

Tabela 1 – Plantas utilizadas pelos moradores da comunidade Bonsucesso, Várzea Grande, MT. 2014.

Nome Popular	Nome Científico	Família	Categoria de Uso	Pcusp (%)
Romã	<i>Punica granatum</i> L.	Punicaceae	A M	75
Babosa	<i>Alloe vera</i> (L.) Burm f.	Xanthorrhoeaceae	M	66
Boldo	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews	Lamiaceae	M	66
Cana-de-açúcar	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Poaceae	A M Ou	66
Laranja	<i>Citrus sinensis</i> L. Osbeck	Rutaceae	A M Ou	66
Manga	<i>Mangifera indica</i> L.	Anacardiaceae	A M Ou	66

Capim-cidreira	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Poaceae	M	57
Alecrim	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Lamiaceae	M	50
Algodão	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Malvaceae	M	50
Amora	<i>Morus nigra</i> L.	Moraceae	A M	50
Anador	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.	Acanthaceae	M	50
Camomila	<i>Matricaria reticulata</i> L.	Asteraceae	M	50
Erva-de-santa-maria	<i>Coronopus didymus</i> (L.) Smith.	Brassicaceae	M	50
Mamão	<i>Carica papaya</i> L.	Caricaceae	A M	50
Pimenta	<i>Capsicum albescens</i> Kuntze	Solanaceae	A	50
Urucum	<i>Bixa orellana</i> L.	Bixaceae	A M	50
Abacate	<i>Persea americana</i> Mill.	Lauraceae	A M Ou	41
Acerola	<i>Malpighia glabra</i> L.	Malpighiaceae	A M	41
Banana	<i>Musa parasidiaca</i> L.	Musaceae	A M	41
Caju	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Anacardiaceae	A M	41
Erva cidreira	<i>Melissa officinalis</i> L.	Lamiaceae	M	41
Pimentão	<i>Capsicum annum</i> L.	Solanaceae	A	41
Poncã	<i>Citrus reticulata</i> Blanco	Rutaceae	A Ou	41
Tamarindo	<i>Tamarindus indica</i> L.	Fabaceae	A M Ou	41
Terramicina	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Amaranthaceae	M	41
Vique	<i>Mentha arvensis</i> L.	Lamiaceae	M	41
Abóbora	<i>Cucurbita moschata</i> Dusch.	Cucurbitaceae	A M	33
Alface	<i>Lactuca sativa</i> L.	Asteraceae	A	33
Alho	<i>Allium sativum</i> L.	Amaryllidaceae	A M	33
Arnica	<i>Solidago chilensis</i> Meyen	Asteraceae	M	33
Aroeira	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Anacardiaceae	M Ou	33
Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Rutaceae	M Ou	33
Ata	<i>Annona squamosa</i> L.	Annonaceae	A	33
Berinjela	<i>Solanum mammosum</i> L.	Solanaceae	A M	33
Cabaça	<i>Crescentia alata</i> Kunth	Bignoniaceae	M Ou	33
Cebolinha	<i>Allium fistulosum</i> L.	Amaryllidaceae	A	33
Cordão-de-frade	<i>Leonotis nepetifolia</i> (L.) R. Br.	Lamiaceae	M O Ou	33
Embaúba	<i>Cecropia hololeuca</i> Miq.	Urticaceae	M Ou	33
Eucalipto	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Myrtaceae	M Ou	33
Fruta-do-conde	<i>Annona squamosa</i> L.	Annonaceae	A Ou	33
Goiaba	<i>Psidium guajava</i> L.	Myrtaceae	A M	33
Hortelã	<i>Mentha villosa</i> Becker	Lamiaceae	M	33
Limão	<i>Citrus limon</i> (L.) Osbeck	Rutaceae	A M Ou	33
Louro	<i>Cordia glabrata</i> (Mart.) A.DC	Lauraceae	A M Ou	33
Mandioca	<i>Manihot esculenta</i> Crantz	Euphorbiaceae	A	33
Milho	<i>Zea mays</i> L.	Poaceae	A	33
Negramina	<i>Siparuna guianensis</i> Aubl.	Siparunaceae	M	33
Pata-de-vaca	<i>Bauhinia forficata</i> Link	Fabaceae	M O Ou	33
Picão	<i>Bidens pilosa</i> L.	Asteraceae	M	33
Pingo-de-ouro	<i>Duranta erecta</i> L.	Verbenaceae	O	33
Poejo	<i>Mentha pulegium</i> L.	Lamiaceae	M	33

Quebra-pedra	<i>Phyllanthus orbiculatus</i> Rich.	Phyllanthaceae	M	33
Rosa	<i>Rosa</i> sp.	Rosaceae	O	33
Samambaia	<i>Nephrolepis biserrata</i> (SW.) Schott	Davalliaceae	O	33
Sucupira	<i>Pterodon polygaliflorus</i> (Benth.) Benth.	Fabaceae	M Ou	33
Unha-de-gato	<i>Uncaria tomentosa</i> (Willd.) DC.	Rubiaceae	M	33
Vassourinha	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Plantaginaceae	M	33
Batata doce	<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	Convolvulaceae	A	25
Bocaiuva	<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	Arecaceae	M	25
Caferana	<i>Vernonia polyanthes</i> (Spreng.) Less.	Asteraceae	M	25
Caninha-do-brejo	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw	Costaceae	M	25
Chico-magro	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Malvaceae	M Ou	25
Coco-da-baía	<i>Cocos nucifera</i> L.	Arecaceae	A M	25
Confrei	<i>Symphytum officinale</i> L.	Boraginaceae	M	25
Couve	<i>Brassica oleracea</i> L.	Brassicaceae	A M	25
Dipirona	<i>Athertonterera</i> Forssk.	Amaranthaceae	M	25
Espada-de-são-jorge	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain	Asparagaceae	O Ou	25
Espirradeira	<i>Nerium oleander</i> L.	Apocynaceae	O	25
Fedegoso	<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Fabaceae	M	25
Jambo	<i>Eugenia malaccensis</i> L.	Myrtaceae	A Ou	25
Lima da pérsia	<i>Citrus limittoides</i> Tanaka	Rutaceae	M	25
Malva	<i>Malva palviflora</i> L.	Malvaceae	M	25
Melão-de-São- Caetano	<i>Momordia charantia</i> L.	Cucurbitaceae	M	25
Neen	<i>Azadirachta indica</i> A. Juss.	Meliaceae	M Ou	25
Orquídea	<i>Orchis</i> sp.	Orchidaceae	O	25
Picão-branco	<i>Porophyllum ruderales</i> (Jacq.) Cass.	Asteraceae	M	25
Pronto-álvio	<i>Achillea millefolium</i> L.	Asteraceae	M	25
Raiz-de-bugre	<i>Bytteneria melastomifolia</i> St. Hil.	Sterculiaceae	M	25
Tansagem	<i>Platango major</i> L.	Plantaginaceae	M	25
Tapera-velha	<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit.	Lamiaceae	M	25
Tarumã	<i>Vitex cymosa</i> Bertero ex Spreng	Lamiaceae	M O Ou	25
Erva-de-bicho	<i>Polygonum hydropiperoides</i> Michx.	Polygonaceae	M	25
Erva-doce	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Apiaceae	A M	21
Abacaxi	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Bromeliaceae	A M	16
Alho poró	<i>Allium porrum</i> L.	Amaryllidaceae	A M	16
Antúrio	<i>Anthurium andraeanum</i> Linden	Araceae	O	16
Banana-da-terra	<i>Musa</i> sp.	Musaceae	A	16
Batata	<i>Solanum tuberosum</i> L.	Solanaceae	A M	16
Bucha	<i>Luffa aegyptiaca</i> Mill.	Cucurbitaceae	M Ou	16
Caiapiá	<i>Dorstenia cayapia</i> Vell.	Moraceae	M	16
Cancerosa	<i>Maytenus ilicifolia</i> Mart. ex Reissek	Celastraceae	M	16
Canela	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Blume.	Lauraceae	M Ou	16
Carambola	<i>Averrhoa carambola</i> L.	Oxalidaceae	A M	16
Cenoura	<i>Daucus carota</i> L.	Apiaceae	A	16
Chuchu	<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Cucurbitaceae	A	16

Colônia	<i>Alpinia zerumbet</i> (Pers.) B. L. Burtt & R. M.	Zingiberaceae	M	16
Comigo-ninguém-pode	<i>Dieffenbachia amoena</i> Bull.	Araceae	O Ou	16
Crista-de-galo	<i>Celosia cristata</i> L.	Amaranthaceae	M	16
Espinheira santa	<i>Maytenus aquifolium</i> Mart.	Celastraceae	M	16
Feijão chicote	<i>Vigna sinensis</i> (L.) Savi ex. Hassk.	Fabaceae	A	16
Hortelã-do-campo	<i>Hyptidendron canum</i> (Pohl ex. Benth.)	Lamiaceae	M	16
Ingá	<i>Inga speciosa</i> M. Martens & Galeotti	Fabaceae	A Ou	16
Ipê roxo	<i>Tabebuia heptaphylla</i> (Vell.) Toledo	Bignoniaceae	M O Ou	16
Jaboticaba	<i>Myrciario culiflora</i> (Mart.) O. Berg	Myrtaceae	A Ou	16
Jatobá	<i>Hymenaea stigonocarpa</i> Mart. Ex Hayne	Caesalpiniaceae	A M Ou	16
Losna	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Asteraceae	M	16
Maracujá	<i>Passiflora edulis</i> Sims.	Passifloraceae	A M	16
Maravilha	<i>Mirabilis jalapa</i> L.	Nyctaginaceae	O	16
Noni	<i>Morinda citrifolia</i> L.	Rubiaceae	M Ou	16
Noz-vômica	<i>Strychnos nux-vomica</i> L.	Loganiaceae	M	16
Pariparoba	<i>Piper peltatum</i> L.	Piperaceae	M	16
Pequi	<i>Caryocar brasiliense</i> Cambess.	Caryocaraceae	A M	16
Pimenta-do-reino	<i>Piper nigrum</i> L.	Piperaceae	A	16
Pitanga	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Myrtaceae	A M	16
Pitomba	<i>Talisia esculenta</i> (A. St.-Hil.) Radlk.	Sapindaceae	A Ou	16
Quiabo	<i>Abelmoschus esculentus</i> (L.) Moench	Malvaceae	A M	16
Quina-do-cerrado	<i>Strychnos pseudoquina</i> A. St.-Hil.	Loganiaceae	M	16
Sabugueiro	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltldl	Adoxaceae	M	16
Salsa	<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss	Apiaceae	A	16
Timbó	<i>Enterolobium contortisiliquum</i> (Vell) Morong	Fabaceae	M	16
Tomate	<i>Solanum lycopersicum</i> L.	Solanaceae	A	16
Violeta	<i>Viola</i> sp.	Violaceae	O	16
Acuri	<i>Scheelea phalerata</i> (Mart. Ex. Spreng.) Burret	Arecaceae	A	8
Azaleia	<i>Rhododendron simsii</i> Planch.	Erecaceae	O	8
Beterraba	<i>Beta vulgaris</i> L.	Amaranthaceae	A M	8
Brilhantina	<i>Pilea microphylla</i> (L.) Liebm.	Urticaceae	M	8
Cajá-manga	<i>Spondias mombin</i> L.	Anacardiaceae	A Ou	8
Cajazinho	<i>Spondias lutea</i> L.	Anacardiaceae	A Ou	8
Dinheiro-em-penca	<i>Callisia repens</i> (Jacq.) L.	Commelinaceae	O Ou	8
Elixir	<i>Ocimum selloi</i> Benth	Lamiaceae	M	8
Figatil	<i>Vernonia condensata</i> Baker	Asteraceae	M	8
Figo	<i>Ficus carica</i> L.	Moraceae	A	8
Fortuna	<i>Bryophyllum pinnatum</i> (Lam.) Oken	Crassulaceae	O Ou	8
Fruta-pão	<i>Artocarpus altilis</i> (Parkinson) Fosberg	Moraceae	M	8
Genciana	<i>Acosmium subelegans</i> (Mohlenbr.) Yakovlev	Fabaceae	M	8
Jenipapo	<i>Genipa americana</i> L.	Rubiaceae	A M	8
Jequitibá	<i>Cariniana</i> sp.	Lecythidaceae	M O Ou	8

Lima	<i>Citrus</i> sp.	Rutaceae	A M Ou	8
Mangaba	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Apocynaceae	A M O	8
Maria-sem- vergonha	<i>Impatiens walleriana</i> Hook. F.	Balsaminaceae	M	8
Maxixe	<i>Cucumis anguria</i> L.	Cucurbitaceae	A	8
Melão	<i>Cucumis melo</i> L.	Cucurbitaceae	A	8
Mulateira	<i>Calycophyllum spruceanum</i> (Benth.) Hook. F. ex K. Schum.	Rubiaceae	M	8
Rafia	<i>Rhapis excelsa</i> (Thunb.) A. Henry	Arecaceae	O	8
Rosa branca	<i>Rosa alba</i>	Rosaceae	M O	8
Sangra d'água	<i>Croton urucurana</i> Baill.	Euphorbiaceae	M Ou	8
Seriguela	<i>Spondias purpurea</i> L.	Anacardiaceae	A Ou	8
Coentro	<i>Coriandrum sativum</i> L.	Apiaceae	A	8

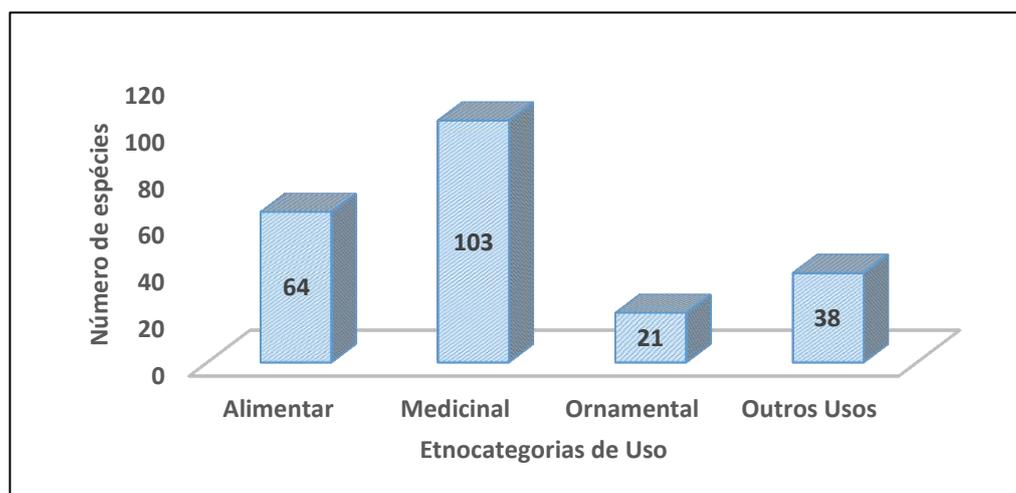
Legenda: Categorias de uso: A = Alimentar; M = Medicinal; O = Ornamental; Ou = Outros usos (lenha, madeira, proteção, sombra).

Quanto à frequência de concordância de usos principais (Pcusp) 14% exibem valor igual ou superior a 50% dentre as 148 espécies citadas. Para as espécies que obtiveram concordância superior a 50%, todas pertencem a etnocategoria medicinal, com exceção da pimenta (*Capsicum albescens* Kuntze), pertencente à categoria alimentar e cultivada nos quintais. As principais indicações para as espécies medicinais são: problemas digestivos (boldo, *Plectranthus barbatus* Andrews), ansiedade e insônia (capim cidreira, *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf.), gripe e ansiedade (erva cidreira, *Melissa officinalis* L.), cicatrizante e fortificante do cabelo (babosa, *Alloe vera* (L.) Burm f.), inflamação da garganta (romã, *Punica granatum* L.).

Foram identificadas espécies que se enquadram nas etnocategorias de planta Alimentar (44%), Medicinal (70%), Ornamental (15%) e Outros usos (lenha, madeira, proteção, sombra) com 26% (Figura 4). Com base nesses dados fica evidente a importância que os informantes atribuem à flora, principalmente com as plantas medicinais e alimentares. De tal modo, a Sra. L. confirma através de seu relato:

“... pra anemia a gente usa quina, chá de frade e fedegoso. É só tomá direitinho que melhora. O chá de frade também é bom pra acaba com verme, acaba com eles tudo. E a quina do cerrado é bom pra curá hepatite. Se toma direito é melhor que remédio de farmácia...” (Sra. L. R. S., 73 anos)

Figura 4 – Etnocategorias de uso das plantas citadas pelos moradores de Bonsucesso. Várzea Grande, MT. 2014.



De acordo com essas etnocategorias, existem espécies com uma multiplicidade de usos, incidindo uma maximização do recurso disponível, como por exemplo, abacate (*Persea americana* Mill.), cana-de-açúcar (*Saccharum officinarum* L.), cordão-de-frade (*Leonotis nepetifolia* (L.) R. Br.), ipê-roxo (*Tabebuia heptaphylla* (Vell.) Toledo), jatobá (*Hymenaea stigonocarpa* Mart. Ex. Hayne), pata de vaca (*Bauhinia forficata* Link) e tamarindo (*Tamarindus indica* L.), todas com três usos cada.

A cana-de-açúcar cultivada na roça é empregada basicamente nos engenhos para a produção de rapadura. De acordo com relato da Sra. R., da cana não há nenhum desperdício:

... A ponta da cana e o bagaço serve pras vaca e os boi comê... com a cana nós fazemo a rapadura... o bagaço da cana quando tá seco, é muito bom pra acendê o fogo do fogão à lenha e da fornalha pra fervê a garapa. E ainda quando os boi come a cana, aqueles farelo que sobra se mistura na terra e vira adubo... é bom pras planta. A rapadura é muito bom pra não dá anemia, deixa a pessoa forte... (Sra. R. M. S., 79 anos)

Para Silva (2010) os moradores de Bonsucesso costumam tratar as atividades artesanais, transmitidas pelos seus antepassados, como meio de subsistência, muitas vezes, sem perceber que estão de alguma forma preservando uma cultura centenária. Assim, os produtos desenvolvidos pela comunidade destacam a tradição, não se

atentando ao processo de modernização tecnológica.

CONCLUSÕES

A comunidade mostrou ser detentora de um conhecimento tradicional, sobretudo através das experiências vivenciadas no cotidiano, entre elas a produção de rapadura nos engenhos, o preparo da ‘puva’ no pilão, o tear das redes e, a conservação da biodiversidade, sendo o quintal o principal local de encontro, de expansão e transferência de cultura de geração em geração.

Foram identificadas cerca de 148 espécies distribuídas em 62 famílias botânicas, desde pequenas herbáceas até portes arbóreos, peculiares de matas ciliares. A etnocategoria medicinal foi a mais expressiva, sendo o seu modo de uso repassado de forma oral e gestual entre os membros da comunidade. Com o passar do tempo portanto, é possível a perda desse conhecimento, já que cada vez mais a cidade vai se expandindo e como consequência o aumento do processo de urbanização na região.

A participação desta comunidade em outros estudos de caráter científico, contribuirá para a Etnobotânica mato-grossense, para a conservação biológica da região e para a cultura como um todo.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, U. P. A etnobotânica no nordeste brasileiro. In: CAVALCANTI, T. B.; WALTER, B. M. T. *Tópicos Atuais em Botânica: Palestras Convidadas do 51º Congresso Nacional de Botânica*. Brasília: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia / Sociedade Botânica do Brasil, p.241-249, 2000.

AMOROZO, M. C. M.; GELY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas. Barcarena, PA, Brasil. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Sér. Bot.* 4, p. 47-131, 1988.

BRASIL. Decreto nº 6.040, 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. *Diário Oficial da União*. Brasília, DF. 7 Fev. 2007.

CABALLERO, J. La Etnobotánica. In: BARRERA, A. (ed.). *La Etnobotánica: tres puntos de vista y una perspectiva*. Xalapa: INIREB, p. 27-30, 1979.

FERREIRA, M. S. F. D. *Lugar, recursos e saberes dos ribeirinhos do médio rio Cuiabá, Mato Grosso*. 2010. 182 f. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas/Ecologia e Recursos Naturais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP. 2010.

GUARIM NETO, G; GUARIM, V. L. M. S.; CARNIELLO, M. A.; MACEDO, M. Quintais urbanos e rurais em Mato Grosso: socializando espaços, conservando a diversidade de plantas. p. 323-328. In: SILVA, V. A.; ALMEIDA, A. L. S.; ALBUQUERQUE, U. P. *Etnobiologia e etnoecologia – pessoas & natureza na América Latina*. Recife: NUPEEA, 2010.

GUARIM NETO, G.; PASA, M. C. Estudo etnobotânico em uma área de cerrado no município de Acorizal, Mato Grosso. *FLOVET*, 1:5-32. 2009.

INMET. Instituto Nacional de Meteorologia do Ministério da Agricultura. *Boletim Agroclimatológico*. Brasília, v. 30, n. 1-12, 1996

MEIHY, J. C. S. B. *Manual de História Oral*. São Paulo, Loyola, 1996.

MINAYO, M. C. S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. In: MINAYO, M. C. S. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 61-77, 2012. (Coleção temas sociais)

PASA, M. C. Abordagem Etnobotânica na Comunidade de Conceição-Açu. Mato Grosso, Brasil. *Polibotânica*. México. n. 31, 169 – 97p. 2011a.

PASA, M. C. Saber local e medicina popular: a etnobotânica em Cuiabá, Mato Grosso, Brasil. *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi Cie. Hum.* Belém, v.6, n.1, p. 179-196, jan-abr. 2011b.

PASA, M. C.; ÁVILA, G. Ribeirinhos e recursos vegetais: a etnobotânica em Rondonópolis, Mato Grosso, Brasil. *Interações*. Campo Grande, v.11, n.2, p.195-204, jul-dez. 2010.

PASA, M. C.; SOARES, J. J.; GUARIM-NETO, G. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição-Açu (alto da bacia do rio Aricá Açu, MT, Brasil). *Acta Botânica Brasília*. v.19, n.2, p. 195-207, 2005.

PASA, M. C. *Etnobiologia de uma comunidade ribeirinha no alto da bacia do rio Aricá-Açú, Cuiabá, Mato Grosso, Brasil*. 174 f. Tese (Doutorado em Ciências) – Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, Universidade Federal de São Carlos, 2004.

VALENTINI, C. M. A.; PINHEIRO, A. C. M.; SALES, F. N.; GUILHER, M. C.; SILVA, T. C. A.; MISSA JR, S. Impactos socioambientais gerados aos pescadores da comunidade ribeirinha de Bonsucesso-MT pela construção da Barragem de Manso. *Holos*, ano 27, v. 4, p. 6-22, 2011.

VENDRUSCOLO, G. S.; MENTZ, L. A. Uso de plantas medicinais por uma comunidade rural de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. In: SILVA, V. A.; ALMEIDA, A. L. S.; ALBUQUERQUE, U. P. (Org.). *Etnobiologia e Etnoecologia: pessoas & natureza na América Latina*. 1ª Ed. Recife: NUPEEA, p. 211-227, 2010.